



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE

PROJETO DE LEI

“Altera a Lei nº. 14.485, de 19 de julho de 2007, com a finalidade de incluir no Calendário Oficial de Eventos da Cidade de São Paulo o DIA MUNICIPAL DA BLACK MUSIC, e dá outras providências”

A Câmara Municipal de São Paulo decreta:

Art. 1º Fica acrescido inciso ao art. 7º da Lei nº 14.485, de 19 de julho de 2007, com a seguinte redação:

.....

“28 de Setembro: DIA MUNICIPAL DA BLACK MUSIC”.

.....

Art. 2º - O Executivo regulamentará a presente Lei no prazo de 90 (noventa) dias, a contar da data de sua publicação.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 28 de junho de 2023.

RODOLFO DESPACHANTE
Vereador

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE****JUSTIFICATIVA**

A história dos bailes black de São Paulo e como tais festas foram decisivas para elevar a autoestima da juventude afrodescendente da capital paulista e marcaram a trajetória de milhares de jovens majoritariamente negros a partir da década de 1960 e 1970.

“Negro é lindo / Negro é amor / Negro é amigo / Negro também é filho de Deus”, canta Jorge Ben Jor (então Jorge Ben) na primeira estrofe da canção que dá título a seu oitavo álbum, de 1971. Naquele início de década, no Brasil e no mundo, a exaltação à negritude era palavra de ordem.

Em São Paulo, um dos artífices para o levante de autoestima empreendido pela juventude afrodescendente foi a cena de bailes black, como eram chamadas as festas espalhadas pelos subúrbios e periferias da capital paulista, por meio de alguns dos personagens que construíram essa história que foi disseminada como a vertente brasileira do Black Power, movimento que marcou a luta dos negros norte-americanos por igualdade de direitos civis e reverberou em diversos países do mundo.

Em 1958, um Brasil moderno despontava com o surgimento da Bossa Nova, a construção de Brasília e a conquista, na Suécia, do primeiro de cinco títulos mundiais de futebol. Foi também naquele ano que Osvaldo Pereira, um técnico de rádio e TV, nascido em Muzambinho, em Minas Gerais, e radicado em São Paulo, fez história ao se tornar o primeiro discotecário do país, tocando inicialmente em festas familiares onde sempre dava um jeito de tocar os discos de 78rpm que continham temas dançantes de artistas como Jacob do Bandolim, Luiz Gonzaga e Jorge Veiga.

Naquele fim de anos 1950, estavam em voga nos centros urbanos do País os grandes bailes conduzidos por big bands. Com a premissa de música ao vivo executada por grupos de dez a 15 músicos, custava caro produzir festas dessa natureza. Consequentemente, os ingressos eram restritivos, sobretudo para o público negro.

Mas, a partir da profissionalização de Osvaldo como discotecário, surge na capital paulista uma alternativa de baixo custo começou a tocar em domingueiras no Edifício Martinelli. Vendo que o público estava se tornando crescente, o organizador do baile apostou que também podia lucrar fazendo festas que virassem a madrugada e alugou um imóvel no número 82 da avenida Rio Branco e passou a tocar aos sábados das 22h às 4h.” e deu ao baile o enigmático nome de Orquestra Invisível Let’s Dance.

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE**

Batismo justificado pelo fato de o discotecário, municiado do potente equipamento de som que construiu para as festas, tocar seus discos sempre por trás de uma cortina. Quando menos se esperava, o palco era descortinado e os casais descobriam que não havia orquestra, mas sim Osvaldo a manipular o toca discos que os faziam dançar ao som de big bands lideradas por artistas como Glenn Miller, Ray Conniff e Ray Charles.

O baile de música mecânica deu tão certo que logo surgiram seguidores de Osvaldo. Discotecários pioneiros na cena dos bailes black, como Amauri, Eduardo e o trio Os Carlos, começavam a organizar festas em outras regiões da capital paulista e, cada vez mais, atraíam um público majoritariamente negro.

Em 1962, criou uma espécie de mixer (equipamento que mistura e faz a passagem das músicas tocadas pelos DJs) e passou a utilizar um segundo toca-discos e a novidade se tornou um sucesso.

Em 1972, o discotecário Seu Osvaldo decide sair da cena dos bailes com a morte de sua mulher e passou a trabalhar na linha de produção da fábrica de televisores da Philco e cuidar dos cinco filhos.

Em 2003, Seu Osvaldo ganhou justo reconhecimento ao ser incluído na galeria de personagens perfilados no livro "Todo DJ já Sambou", da jornalista Claudia Assef. Na festa de lançamento da primeira edição, o patrono dos DJs brasileiros foi convidado a voltar a tocar. Feliz com a retomada, ele permanece em atividade até hoje.

No início dos anos 70 ocorre a proliferação dos bailes black em São Paulo e várias equipes de som começam a despontar nos cenários periféricos se transformando num fenômeno muito significativo.

No auge do movimento, festas como a Chic Show, criada por Luizão, outro ícone da era dos discotecários, Zimbabwe e posteriormente a Black Mad, Musicalia, Cascatas e outras, chegavam a reunir mais de 15 mil pessoas.

A Chic Show, por exemplo, do empreendedor Luizão, chegou a trazer ao Brasil artistas como os grupos Zapp e Whodini e, o mais emblemático deles, James Brown, que veio a São Paulo em 1978, e lotou o ginásio do Palmeiras, palco frequente dos maiores bailes da Chic Show.

Artistas nacionais como Jorge Ben, Gilberto Gil, Tim Maia, Bebeto, Tony Tornado, Carlos Dafé, Trio Ternura, Luiz Vagner Guitarreiro, Gerson King Combo, Copa 7, se tornam frequentes na programação dos Bailes Black.

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE**

A divulgação das festas e shows ocorriam através de panfletagem impressa ou "volante" como também era chamada.

No começo dos anos 1970, toda sexta-feira havia um corpo a corpo de panfletagem no Viaduto do Chá.

Os negros e brancos adeptos da Black Music se reuniam para saber dos bailes que iam rolar no fim de semana e a Rua Direta, Praça do Patriarca, Viaduto do Chá até o Mappin ficavam tomados de jovens em busca da badalação dos finais de semana.

Nos anos 1980, marcados pela despreensão da dança, os encontros dos anos 1960 e 70 resultaram no sentimento de coesão que, na década seguinte estimulou o enfrentamento e combate ao racismo e tomavam conta desta região com pertencimento, ocupando ainda as ruas 24 de maio, Barão de Itapetininga e as grandes galerias onde surgem os salões de cabeleireiros especializados no corte black, além de lojas de discos especializados em música black nacional e internacional.

Um desses pioneiros na venda de discos foi o discotecário Tony Hits, que tocava nos bailes da Zona Sul que abriu uma loja de discos que leva seu nome, além de outro lendário como Charles Team que também já tinha loja na galeria.

Naquele período, vestir-se bem e manter o cabelo impecável, eram práticas decorrentes do preconceito racial: "O dever do negro era andar alinhado para não ser visto como maloqueiro, como bandido. Aliás, se fosse malvestido ao baile, bastava olhar para a fila para desistir de entrar. Todo mundo usava o "tornado" cabelo black. Homens e mulheres alinhados. Os rapazes de paletó xadrez, camisa de seda, sapato brilhando, calça boca de sino".

Outro ícone desta cena black paulistana era o dançarino Nelson Triunfo, considerado o primeiro b-boy brasileiro e foi erguido pelo público que conferiu a primeira passagem de James Brown no Brasil, via Chic Show, no ginásio do Palmeiras.

Outro personagem que marcou os anos 1980 e a consolidação do rap na década seguinte, foi o DJ Grandmaster Ney que se tornou neste período como um dos mais renomados DJs de São Paulo, ocupando as pick-ups dos principais bailes da cidade, bem como, fez parte da programação das equipes de som Zimbabwe, Black Mad e Chic Show, que possuíam horários aos sábados a tarde, pela BAND FM.

A forte presença dessas equipes no rádio fm fortaleceu ainda mais a cultura dos bailes black music em São Paulo, e abriu espaço para as marcas consagradas de equipes de som a criarem seus Selos "Musicais" e assim ingressaram no mercado fonográfico, revelando grandes artistas. Isso trouxe resultados nos anos seguintes, especialmente para o movimento hip hop, que nasceu nesse ambiente em que as equipes de som estavam mais organizadas e os discursos mais afinados com a busca de uma identidade étnica. As equipes proporcionaram espaço para que grupos de rap

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE**

viesses mostrar seus trabalhos. Os Racionais MCs, por exemplo, começaram a se apresentar nos bailes da equipe Zimbabwe, uma das pioneiras do movimento soul, que, transformada em selo musical, lançou o grupo. Outras equipes, como Chic Show e Black Mad, também gravavam artistas não só de rap como de outros gêneros, a exemplo do pagode, que divulgavam em seus programas nas rádios, como Bandeirantes e 105 FM. Além disso, algumas equipes adquiriram seus próprios salões, como o Clube da Cidade, na Barra Funda.

A Chic Show tornou-se, ao longo de seu período de existência, um grande empreendimento comercial do entretenimento dançante negro, assumindo uma posição de destaque na vida noturna da cidade de São Paulo, uma vez que contava com o apoio de uma multiplicidade de casas noturnas do entretenimento dançante jovem, dentre as quais podem ser destacadas o Clube da Cidade, Salões Asa Branca e Banco do Brasil, Sambarylove, Eduardos, Clube Atlético de Osasco, que eram requeridas dependendo da ocasião e do tipo de evento a ser realizado, principalmente quando mesclava seus bailes com shows de artistas famosos da raça negra, tendo em vista que esses eventos demandavam, como exemplificado na introdução, a produção em lugares centrais da cidade, sofisticados e de grande capacidade para receber o público frequentador.

O público alvo e predominante nos bailes eram jovens negros e de periferia, o que fazia com que esses eventos se tornassem, para esses personagens, talvez a sua mais importante forma de lazer aos finais de semana, haja vista que as zonas periféricas da cidade enfrentam carências diversas nesse sentido. Nesta perspectiva, constata-se que no decorrer dos anos 1990 do século passado esses bailes paulatinamente perdem força e importância, talvez como reflexo da disseminação da informação por meios digitais, o que abarca uma quantidade cada vez maior de pessoas e com mais rapidez e agilidade, promovendo a fragmentação e a dispersão o que certamente incide sobre as formas do estar junto. Desse modo, as principais equipes de bailes acabaram sofrendo um profundo declínio que praticamente levou ao completo ostracismo no cenário do entretenimento dançante noturno da cidade, o que fez com que a imagem desses bailes ficassem apenas na memória dos seus 6 frequentadores, personagens que na atualidade se encontram numa faixa de idade que está acima dos 40 anos de idade, haja vista que viveram seu período de juventude sobretudo nos anos 1980 do século passado, frequentando, assim, os bailes organizados por essas equipes de som.

A título de lembrança da memória de quem frequentou esses bailes, podemos citar equipes como: Chic Show, Transa Negra, Zimbabwe, Black Mad, Circuit Power e Kaskata's e Os Carlos, as quais em conjunto formavam um "circuito" de bailes no qual a população afrodescendente paulistana efetuava "trajetos", formatavam "pedaços", constituíam pontos de encontro em que se efetuavam relações face a face com trocas diversas, cujos locais propiciavam o estabelecimento da sociabilidade e pertencimento.

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO****Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE**

A importância dos bailes na vida de tais sujeitos foi descrita brilhantemente pelos rappers paulistanos Thaíde e DJ Hum na composição “Senhor tempo bom”, onde colocam em relevo a importância que essas equipes de som acabaram adquirindo na vida dos jovens afrodescendentes, uma vez que esses jovens pautavam, muitas vezes, a construção de suas experiências e referências sociais a partir das vivências acionadas nos bailes produzidos por essas agremiações.

Segue abaixo, a transcrição de alguns trechos (refrões) da letra da música composta por esses artistas, apenas para exemplificar ainda mais a importância dos bailes blacks, e notadamente das equipes de som, na vida dos jovens negros que residem nas periferias paulistanas:

Sr. Tempo Bom(Thaíde & DJ Hum) “Antigamente o samba-rock, Black Power, soul, assim como o hip-hop era o nosso som. A Transa Negra que rolava as bolachas, a cortição do pedaço era o La Croácia, eu era pequeno e já filmava o movimento ao meu redor, coreografias, sabia de cor. E fui crescendo rodeado pela cultura Afro Brasileira, também sei que já fiz muita besteira, mas nunca me desliguei, das minhas raízes, estou sempre junto dos Blacks que ainda existem. Me lembro muito bem do som e o passinho marcado eram mostrados [nos bailes] por quem entende do assunto, e lá estavam Nino Brown e Nelson Triunfo, juntamente com a funk Cia que maravilha. 7 Calça boca de sino, cabelo Black da hora, sapato era mocasin ou salto plataforma. Gerson King Combo mandava mensagens ao seus, Toni Bizarro dizia com razão, vai com Deus. Tim Maia falava que só queria chocolate, Toni Tornado respondia: Podê Crê, Lady Zu avisava, a noite vai chegar, e com Totó inventou o samba soul, Jorge Ben entregava com Cosa Nostra, e ainda tinha o toque dos Originais, falador passa mal rapaz, saudosa maloca, maloca querida, faz parte dos dias tristes e felizes de nossa vida. Grandes festas no Palmeiras com a Chic Show, Zimbabwe e Black Mad eram Company Soul, anos 80 comecei, a frequentar alguns bailes, ouvia comentários de lugares. Clube da Cidade, Guilherme Jorge, Clube Homs, Roller Super Star, Jabaquarinha, Sasquat, como é bom lembrar. Por isso Black Power continua vivo, só que de um jeito bem mais ofensivo, seja dançando break, ou um DJ no scratch, mesmo fazendo Graffiti, ou cantando RAP. Lembro do função, que com gilette no bolso tirava o couro do banco do buzão, uma tremenda cortição? E fazia na calça a famosa pizza.

No Centro da cidade as grandes galerias, seus cabelereiros e lojas de disco, mantêm a nossa tradição sempre viva. Mudaram as músicas, mudaram as roupas, mas a juventude afro continua muito louca. Falei do passado e é como se não fosse, o que eu vejo a mesma determinação no Hip-Hop Black Power de hoje”.

Conclusão: Pelo fato da Black Music ter se transformado num movimento de fundamental importância para uma parcela significativa do segmento jovem negro da sociedade paulistana, bem como, pela sua sobrevivência até os dias atuais e aderindo em suas festas, shows de samba rock, pagode e samba de raiz, hip hop e funk, além da seleção musical nacional e internacional nos intervalos, vimos solicitar a V.sas, a criação de um Projeto de Lei propondo o Dia da Black Music no dia 28 Setembro,



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

**Gabinete do Vereador
RODOLFO DESPACHANTE**

data em que se comemora o aniversário de nascimento do cantor Tim Maia, icônico artista de grande representatividade para este segmento.

Sala das Sessões, 28 de junho de 2023.

RODOLFO DESPACHANTE
Vereador